

9

## O BATISMO CULTURAL DO DF

\*Jarbas Silva Marques

Prestes a comemorar o cinquentenário artístico, faleceu em Goiânia, no dia 23 de setembro, o pintor e muralista Dirso José de Oliveira, o DJ Oliveira, emulador das pinturas e artes plásticas no Centro-Oeste brasileiro, deixando inúmeros discípulos que se consagraram nacional e internacionalmente.

DJ Oliveira foi o primeiro artista plástico a elaborar obras artísticas em dezembro de 1956, quando se iniciava a construção de Brasília, voltada para os operários que construíam a Capital da República, sendo, portanto, inquestionavelmente, pelos painéis que pintou no Restaurante do Serviço de Alimentação da Previdência Social – SAPS, na Candangolândia, o batismo cultural de Brasília e do Distrito Federal.

### COMPROMISSO COM O FUTURO

Nascido em novembro de 1932, em Bragança Paulista, São Paulo, em 1956 saiu de São Paulo com o objetivo de participar e registrar a construção de Brasília.

Apaixonado por uma planaltinense que conhecera em São Paulo, Therezinha de Jesus, com quem casaria em 1958, fixou residência em Goiânia. É onde vai encontrá-lo o primeiro agitador cultural do período da construção, o folclorista, poeta e administrador Francisco Manoel Brandão.

Presidente da Comissão de Expansão do Serviço de Alimentação da Previdência Social – SAPS, apenas dez dias após a inauguração do Catetinho – o Palácio de Tábuas de JK no Planalto - Francisco Manoel Brandão foi a Goiânia e contratou DJ Oliveira para fazer os painéis do Restaurante do SAPS na Candangolândia, acampamento que sediava os galpões da Companhia Urbanizadora da Nova Capital – NOVACAP.

Inicialmente, DJ Oliveira pintou a óleo o painel “Bandeirantes de Outrora” e o segundo, em 1957, quando Lucio Costa sagrou-se o vencedor do concurso para escolher o projeto urbanístico de Brasília. Nesse segundo painel, se vê o projeto vencedor no centro ladeado por operários.

O doutor Francisco Manoel Brandão pediu-lhe, ainda, que pintasse mais dois painéis que, em homenagem aos operários, foram nominados “Candangos Heróicos” e “Centauros de aço”.

DJ Oliveira ainda em 1956 desenhou cartazes para o primeiro natal dos operários, organizado por Francisco Manoel Brandão.

O conjunto dessas obras tinha, ainda, painéis sobre o ciclo do ouro e o agropastoril e que deixou extasiados os visitantes que vieram de várias cidades brasileiras para participarem da Primeira Missa em Brasília, realizada no dia 3 de maio de 1957, onde, hoje, é o Cruzeiro, próximo do Memorial JK, no Eixo Monumental, e que tomaram refeição no Restaurante do SAPS.

Nesse dia, os índios carajás que vieram ao Planalto para participar da Primeira Missa, chamaram a atenção dos comensais pelos comentários que faziam em seus dialetos diante dos painéis de DJ Oliveira.

Essas obras, criminosamente, desapareceram no Governo do ditador Humberto de Alencar Castelo Branco que em 1967 extinguiu o Serviço de Alimentação da Previdência Social – SAPS - quando foram desmontados na Candangolândia o restaurante e o supermercado do SAPS.

Dos crimes culturais perpetrados em Brasília e no Distrito Federal, além desse, que é o Batismo Cultural, as pinturas de Volpi, na Igreja Nossa Senhora de Fátima, na 108 Sul, foram destruídas pelos padres católicos em 1961.

É o que há de mais triste é que DJ Oliveira e Alfredo Volpi faziam parte do Grupo Santa Helena, em São Paulo, com Clóvis Graciano, Aldo Bonadei, Fúlvio Pennachi e Francisco Rebolo, na década de 50.

Os painéis artísticos de DJ Oliveira foram vistos por mais de dois milhões de comensais no Restaurante do SAPS.

## ÚLTIMA FALA

Conheci DJ Oliveira em 1957, quando ele, na Avenida Anhanguera, em frente ao prédio do IAPC, retratava, na tela, o Cine Teatro Goiânia, até então imponente e sem os arranha-céus que hoje o emparedam. Nessa época, ele ainda não usava a boina. No ano seguinte, quando ele esboçava os cenários da “Raposa e as Uvas”, João Bennio convidou um colega meu da Escola Técnica, o Agostinho Vieira, que tinha o apelido de “Fan” para atuar como figurante, troquei umas palavras com ele sobre o cenário. Depois, veio à fase do “Teatro de Emergência” e em 1962 conheci um menino que limpava suas palhetas e seus pincéis, irmão da minha colega Desirée, era o hoje consagrado Siron Franco.

Vimos a nos encontrar na década de 80 em Luziânia, quando saí da prisão.

Ele não conseguira ficar longe de Brasília, montara um estúdio em Luziânia. Passamos a nos encontrar na Academia de Letras e Artes do Planalto, fundada por Gelmires Reis, Benedito de Melo, Dilermando Meireles e Antonio Pimentel.

Partilhamos muitas manhãs em conversas com Gelmires Reis e Dito de Melo, sobre a história do Planalto e do Movimento Mudancista.

Quando Fernando Câmara pediu-me para escrever um artigo sobre Joaquim Câmara Filho, ele iniciou uma ilustração, que, infelizmente, não ficou pronta a tempo da publicação.

Na posse da professora Belkiss Spenciére na ALAP, ele confidenciou-me que queria retratá-la junto com o orador que a saudou, o mudancista e deputado constituinte de 1946, Joaquim Gilberto.

Em 1985, dei-lhe suporte jornalístico na exposição que fez no Banco Central e estávamos juntos no Centro de Convenções na última vinda de Cora Coralina a Brasília.

Em 2001, quando eu organizava os festejos do centenário de nascimento do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, conheci a diplomata e cantora lírica Stela Brandão, filha de Francisco Manoel Brandão, e ela deu-me o livro “Brasília Sentimental” de autoria de seu pai, editado em 1960, antes da inauguração. Fiquei extasiado. A capa do livro tem uma janela e na segunda página uma foto do painel

**“Bandeirantes de Outrora”. Em seu apartamento, antes de ser transferida para Nova York, vi os negativos das fotos dos painéis.**

**Em 2004, quando fui fazer uma palestra na Academia de Letras e Artes do Planalto, em Luziânia, falei a DJ Oliveira dessa preciosidade, e da minha intenção de organizar uma exposição em 2006 para comemorar o “Batismo Cultural de Brasília”. Ele ficou entusiasmado e como os painéis foram destruídos, combinamos que iria pedir a Stela Brandão os negativos e reproduzir as fotos dos painéis para ele desenhar e pintar com a temática de 1956, pra a exposição do cinqüentenário do Batismo Cultural.**

**Com ele tinha sido contratado para desenhar grandes murais em Palmas, no Tocantins, tudo ficou para sua volta, o que não se dará.**

**Lembro da nossa última conversa em que ironizei o fato de seu ex-aluno Amauri Menezes ter nascido em Luziânia e morar em Goiânia e ele ter um estúdio na Rua do Rosário, feita pelos bandeirantes em 1746.**

**Fica aqui o compromisso de um seu admirador em aglutinar familiares, amigos e admiradores para em dezembro de 2006 comemorarmos o cinqüentenário do “Batismo Cultural” de Brasília e do Distrito Federal feito por DJ Oliveira para os candangos vindos de todos os rincões da Pátria.**

**Outubro/2005**

**Jarbas Silva Marques  
Diretor da Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico da  
Secretaria de Estado de Cultura do DF**